

De soldado a santo: a história de Maximiano Domingos do Espírito Santo.

“O homem com a grandeza de um coração bem formado.”¹

Vanessa Dos Santos Bernardes, UFPel²

Resumo

O presente artigo versa sobre a história de Maximiano Domingos do Espírito Santo (1810 - 1888), mais conhecido por Preto Caxias ou Mão Preta. Maximiano foi um homem forro que viveu em Bagé (RS) durante boa parte do século XIX e que, mesmo após um século de sua morte, permanece vívido na memória da população local, havendo culto religioso feito a ele e diversas ressignificações de sua imagem. Esta pesquisa buscou, através da micro-história e com o auxílio de fontes históricas documentais, elucidar a trajetória de vida de Maximiano, suas diversas profissões, suas relações de compadrio mas, sobretudo, entender o processo de ascensão social e dos motivos que o levaram a ser considerado um santo milagreiro nos dias atuais.

Palavras-chave: Santo popular; Micro-história; Protagonismo negro; Bagé.

Abstract

The following article tells the story of Maximiano Domingos do Espírito Santo (1810 -1888), known for the epithets Preto Caxias (Black Caxias) and Mão Preta (Black Hand). Maximiano was a former slave that lived in Bagé (RS) during most of the 19th century and is still very present in the memory of the local folk even a century after his passing. A religious cult and devotion surrounding his figure and it's several interpretations is found in the region. This research has aimed to understand the life and works of Maximiano, using the paradigms of microhistory and the historic documental sources available, seeking, above all, to comprehend his upward social mobility at the time and the reasons behind his veneration as a miraculous folk saint nowadays.

Keywords: Folk Saint; Microhistory; black protagonism; Bagé.

Introdução

No cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, há um túmulo que chama atenção pela quantidade de flores e placas de agradecimento por graças alcançadas (fotografia 1). Aparentemente simples, revestido de lajotas comuns, em meio à um espaço onde existem túmulos que se destacam por sua beleza e riqueza, quase sempre, enaltecidos com mármore de Carrara. Contudo, a simplicidade diz muito sobre a quem ele pertence. Contudo, é inegavelmente, rico. Não possui, porém, a riqueza material, sendo em verdade, rico em história, em memória e participação popular.

¹ O presente artigo corresponde a uma parte da minha monografia para a obtenção do título de Bacharel em História (novembro de 2019) pela Universidade Federal do Rio Grande e a versão completa encontra-se no acervo na Biblioteca Central desta mesma instituição.

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. E-mail: vanessadsbernardes@gmail.com

Fotografia 1 - Túmulo de Maximiano.³

Fonte: Vanessa Bernardes (2019).

Maximiano é o protagonista de uma diversidade de histórias que permeiam o imaginário bageense. Por tal modo, se fez necessário elaborar uma pesquisa histórica sobre a sua trajetória, utilizando-se da metodologia da micro-história. O objetivo foi produzir uma pesquisa bibliográfica para quem se interesse em saber mais sobre a vida dele como, por exemplo, sua chegada na cidade, suas diversas profissões, suas relações de compadrio e, mais importante, seu protagonismo na caridade e das consequências destas ações que se fazem presentes até os dias atuais. Contudo, a estas questões não serão dadas respostas tidas como verdades inquestionáveis, conforme a afirmação do micro-historiador Giovanni Levi, de que o trabalho dos historiadores é de “sempre trabalhamos sobre algo que não se pode afirmar inquestionavelmente, que não se pode resolver definitivamente.” (LEVI, 2014, p. 5).

Segundo Giovanni Levi, “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução de escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental.” (LEVI, 1992, p. 139). Para tanto, utilizou-se fontes primárias, como jornais da época em que Maximiano viveu, bem como fontes secundárias, como, por exemplo, referências bibliográficas de escritores bageenses, produzidas ao longo do século XX.

Por fim, durante o processo da pesquisa, teve-se em mente o conselho do Giovanni Levi, ao falar sobre o desafio do processo de pesquisa histórica biográfica, afirma que “o verdadeiro

³ Esta fotografia exemplifica bem a diferença entre as riquezas. À esquerda temos uma riqueza de participação popular e à direita, o exemplo de riqueza material. O túmulo do Maximiano se destaca pela quantidade de flores e fitas e, também, pela simplicidade do material utilizado no revestimento, isto é, lajotas marrons que fogem da homogeneidade dos túmulos ao seu redor.

problema é sempre ter que dizer tudo e saber que a vida das pessoas é um mistério, que nós podemos nos aproximar, mas não resolver. Não podemos saber tudo. Sabendo disso, talvez possamos escrever uma biografia interessante.” (LEVI, 2014, p. 8)

Quem foi “o homem com a grandeza de um coração bem formado”?

Maximiano Domingos do Espírito Santo era o seu nome, conhecido também por *Preto Caxias* ou Mão Preta. Nasceria em 1810, no Rio de Janeiro. Chegou à cidade de Bagé em novembro de 1844, aos trinta e quatro anos de idade (REIS, 1911, p. 11).

Bagé, cidade situada na região da campanha da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e que surge em decorrência dos conflitos entre os portugueses e espanhóis, em 1811. Segundo Lemieszek “em 1811, em uma das tantas campanhas de guerra, D. Diogo de Souza, governador da província do Rio Grande, foi incumbido por D. João VI a tomar Montevideú. Marchando, então, com seu exército em direção àquela cidade, acampa junto aos cerros de Bagé” (LEMIESZEK, 2013, p. 12). É desse acampamento que surge o povoado, tornando-se ponto estratégico para a manutenção do domínio português por esta região historicamente conflituosa. Contudo, Maximiano chega à essa cidade não mais em detrimento do conflito entre Portugal e Espanha, mas sim, no cenário da Revolução Farroupilha (1835-1845), iniciada pela elite econômica local, contra o Império do Brasil. De acordo com Lemieszek “[...] em solo bajeense que, a 11 de setembro de 1836, foi proclamada a República Rio-Grandense pelo Gen. Antônio de Souza Netto.”(LEMIESZEK, 2013, p. 13).

A chegada de Maximiano à cidade como soldado do 8º Batalhão de Infantaria do Duque de Caxias, se deu ainda nesse contexto, tendo ele a missão de guarnecer a cidade durante este confronto (REIS, 1911, p. 11). Infelizmente, nada foi encontrado sobre a sua vida antes desse ponto.

Ainda quanto aos primeiros anos de Maximiano, existem especulações sobre sua condição jurídica, tais como: se ele foi escravo e se tornou livre a partir de tal inserção no Exército Imperial ou se já nasceria livre. Segundo o historiador Marcelo Santos Matheus, na sua tese intitulada “A produção da diferença: escravidão e desigualdade social ao sul do Império Brasileiro (Bagé, c.1820-1870)”, nos registros de batismos da Diocese Bageense, Maximiano aparece como padrinho de diversas crianças em situação de escravidão e sua condição jurídica é descrita como “forro” (MATHEUS, 2016, p. 249). Ao mesmo tempo, aparecem condições jurídicas descritas como “livre”. Portanto, pode-se presumir que Maximiano esteve em situação de escravidão, mas que, de alguma forma, conseguiu sua alforria em algum momento de sua vida, o que, de acordo com Sidney Chalhoub, não era extraordinário:

A escravidão no Brasil apresentava como uma de suas características a possibilidade de acesso à alforria em taxas superiores a outras sociedades escravistas modernas. Apesar de a obtenção da liberdade ter sido sempre algo difícil aos escravos, o fato é que a ocorrência relativamente significativa de alforrias proporcionou a existência de contingentes importantes de negros livres e libertos na população brasileira oitocentista (CHALHOUB, 2010, p. 34).

Portanto, Maximiano fez parte deste contingente de libertos que conviveu com as limitações de viver uma sociedade escravista e ainda “[...] sabemos pouco sobre a experiência da vida em liberdade para os egressos da escravidão e seus descendentes.” (CHALHOUB, 2010, p. 34). Pesquisar sobre a vida de Maximiano, de algum modo, ajuda então a compreender melhor as experiências dos libertos e, nesse caso específico, no século XIX bageense.

Após dar baixa do Exército por conclusão de tempo de serviço em 1847, Maximiano permaneceu na cidade de Bagé (REIS, 1911, p.11) e a partir disso, ele foi “elemento da polícia, mantenedor da ordem e nessa situação, no desempenho do cargo, colocava-se sempre ao lado dos fracos” (SALIS, 1951, p. 185). Por ter sido um policial ou inspetor de quarteirão, a alcunha “Caxias” começou a ser utilizada para se referir a ele e a explicação seria “por jamais abusar do poder, por ser uma autoridade forte, conciliadora e justa, o povo crismou-o com o nome de Caxias como uma homenagem às virtudes do grande Duque” (SALIS, 1951, p.185). A explicação um tanto positivista de Salis faz algum sentido, já que Maximiano serviu na Ala esquerda do Exército de Caxias, do “Pacificador”, Luís Alves de Lima e Silva. Atualmente, não chamam mais só por Caxias, mas, por “Preto” Caxias e, ao analisar as fontes primárias (jornais), essa expressão surgiu posteriormente à sua morte.

Maximiano também trabalhou como jornalista, conforme um processo crime de 1866, no qual serviu de testemunha a favor da liberta Maria Francisca do Rosário, (MATHEUS, 2016, p. 347). Quatro anos depois, começou a trabalhar como enfermeiro e zelador do Hospital de Caridade de Bagé, fundado em 1870, pelos médicos doutores Azevedo Penna e Albano de Souza (SALIS, 1951, p.151).

Conforme os escritos de Jorge Reis, Maximiano se destacou nas funções de enfermeiro, transportador de doentes e zelador (REIS, 1911, p. 11). Em 1876, devido a sua intensa ajuda aos assistidos pelo hospital, um grupo de amigos encomendou um retrato pintado à óleo de Maximiano a um artista de Porto Alegre, e que se tornou a única imagem que se tem dele (figura 2). Em 1877, o quadro foi colocado no consistório da Igreja São Sebastião, uma homenagem ainda em vida a Maximiano (SALIS, 1951, p. 155). Em 1883, este hospital se integrou a um complexo maior, unindo-se a Diocese Bageense e tornando-se o Hospital de Caridade da Santa

Casa de Bagé, o qual o Maximiano ajudou a fundar. Por tal motivo, o quadro atualmente está exposto na galeria de beneméritos deste hospital (fotografia 2).

Fotografia 2 - Retrato do Maximiano Domingos do Espírito Santo.⁴



Fonte: Vanessa Bernardes (2019).

Vida religiosa

A ligação do Maximiano com a religião católica é explicitada pelas inúmeras vezes em que compareceu a pia batismal para apadrinhar filhos de libertos e escravos, o que demonstra sua importância social em meio àqueles que eram escravizados,

[...] a atuação de Maximiano Domingos do Espírito Santo como pai espiritual foi muito mais intensa. Em fevereiro de 1850, Maximiano apadrinhou o pequeno Francisco, filho natural de Ana, escravos de Maria Joaquina dos Santos. A partir daí, Maximiano começou a estabelecer uma série de laços de compadrio que o colocaram entre os campeões de batismo, na segunda metade do século XIX. Maximiano Domingos serviu como pai espiritual 12 vezes entre 1850 e 1871, sendo nove rebentos escravos (de nove senhores diferentes) e três livres (MATHEUS, 2016, p. 348).

Ser pai espiritual de doze crianças ao longo de vinte e um anos é bastante significativo porque demonstra a importância de Maximiano perante os indivíduos em situação de escravidão e libertos, pois de certo o tinham como referência. Isto também evidencia que Maximiano

⁴ Única imagem existente do Maximiano e que atualmente está exposta na galeria de beneméritos da Santa Casa de Caridade. No quadro existe a frase “Prototipo de caridade 1876”. Na placa logo abaixo do quadro, consta a seguinte mensagem: “Primeiro zelador, enfermeiro e transportador de doentes da Santa Casa de Caridade de Bagé. Quadro pintado em 1876”.

mantinha relações com diversos grupos sociais. Os estudos sobre os registros de batismo fornecem um entendimento sobre as condições para poder ser um padrinho no século XIX:

Em meu entendimento, algumas percepções que se têm a partir desses registros é que padrinhos e madrinhas das crianças, ou seja, seus pais espirituais ou tutores na sociedade cristã eram também cristãos, talvez bastante presentes na vida religiosa das localidades. Mais do que ser ou não importante no grupo de origem ou na comunidade onde viviam os batizados era considerado o fato de serem bons cristãos (HAMEISTER, 2010, p. 10).

A partir disso, é possível especular uma forte atuação de Maximiano junto à comunidade fiel local, partindo-se do fato dele ter sido padrinho por doze vezes. Conjectura-se, por conseguinte, uma participação de Maximiano na Irmandade da Nossa Senhora do Rosário em Bagé. Segundo Matheus (2016, p. 350), resta claro que essa Irmandade, a despeito da falta de documentação primária disponível, tinha papel ímpar de sociabilidade e diferenciação para seus membros bem situados na sociedade bageense da época.

De acordo com o historiador João José Reis, ao definir a importância das irmandades no Brasil escravista e, nisso inclui-se a Irmandades da Nossa Senhora do Rosário, ele diz:

Entre as instituições em torno das quais os negros se agregaram de forma mais ou menos autônoma, destacam-se as confrarias ou irmandades religiosas, dedicadas à devoção de santos católicos. Elas funcionavam como sociedades de ajuda mútua. Seus associados contribuía com jóias de entrada e taxas anuais, recebendo em troca assistência quando doentes, quando presos, quando famintos ou quando mortos. Quando mortos porque uma das principais funções das irmandades era proporcionar aos associados funerais solenes, com acompanhamento dos irmãos vivos, sepultamento dentro das capelas e missas fúnebres (REIS, 1996, p. 4).

Pode-se compreender que uma das principais funções destas irmandades era a de proporcionar condições dignas de enterramento para os indivíduos que faleceram em situação de pobreza. Um dos indícios que reforçam ainda mais uma possível participação nesta irmandade é devido a esta nota na qual ele foi citado, no jornal bageense “*O Cruzeiro do Sul*”⁵ em 1884:

Chronica Geral

O velho Caxias - Maximiano Domingos do Espírito Santo, o conhecido velho Caxias, mostrou ainda uma vez, que bem merece o justo qualificativo de prototypo da Caridade. No tugurio do enfermo é onde melhor se póde avaliar **a grandeza d’aquelle coração bem formado**. Ainda no dia 4, apesar de sua avançada idade, **vimol o andar de porta em porta, implorando uma esmola, para as despesas do enterro de uma indigente**. Fazemos votos pela

⁵ O jornal *O Cruzeiro do Sul* circulou na cidade de Bagé de 1878 a 1888, sob a administração do redator Jorge Reis, autor da nota mencionada. Acervo Museu Dom Diogo de Souza.

felicidade d'aquelle que diariamente nos dá os mais edificantes exemplos de virtude e amor do próximo (Jornal *O Cruzeiro do Sul*, Bagé, 04 de maio de 1884, p. 1, grifo meu).

Ser considerado o benemérito de uma instituição, é um indício de que o indivíduo deu os “mais edificantes exemplos de virtude e amor ao próximo”, como explicitado na nota logo acima. Não obstante, tal diferenciação social faz refletir sobre os desafios que o Maximiano enfrentou para poder atingir tal patamar.

Protagonismo por meio da caridade

Maximiano, um homem negro e forro, viveu em uma cidade escravista no interior do Rio Grande do Sul. É contraditório pensar que um homem negro pudesse ascender socialmente em um contexto marcadamente dividido pela diferença étnico-racial. Contudo, a redução da escala de análise e micro-história “tem demonstrado a falibilidade e a incoerência dos contextos sociais como convencionalmente definidos, isto é, contextos culturais explicados como coerentes e homogêneos” (LEVI, 1991, p. 159).

O contexto social no qual o Maximiano estava inserido, de acordo com censo de 1872, o município de Bagé contava aproximadamente com uma população total de 16.952 mil pessoas, sendo 4.816 escravas (os), isto é 22% do total (MATHEUS, 2016, p. 93). Ou seja, era uma sociedade escravista. Conquanto, em uma pesquisa exaustiva das fontes paroquiais e registros crimes de Bagé sobre escravos/forros para compreender o processo de escravidão e as possibilidades de ascensão social na sociedade oitocentista bageense, o historiador Marcelo Santos Matheus, de modo geral, constata:

Enfim, aquela não era uma sociedade segregacionista. Por isso, mesmo escravos e libertos participavam da construção do arcabouço social – por óbvio, com menos recursos, materiais e simbólicos, para participar do jogo social. Nestes termos, se por um lado havia possibilidades de mobilidade e de ascensão social, as quais começavam ainda no cativeiro, por outro, essa assimilação se processava de maneira subalterna, com a sociedade preservando em certa medida suas classificações mais amplas (i.e., preconceito e discriminação com pessoas de cor), o que será potencializado sobremaneira com o fortalecimento do racismo científico nas décadas finais do século XIX – tema que extrapola os objetivos mais imediatos deste estudo (MATHEUS, 2016, p. 367).

Contudo, ele faz uma ressalva:

Do mesmo modo, o fato daquela sociedade não colocar impeditivos legais à ascensão social de libertos não quer dizer que este processo se dava de maneira simples e sem conflitos. Se havia a possibilidade de ascensão e de

diferenciação social, ela era limitada pelas próprias balizas e sistema valorativo daquela mesma sociedade, informados pela escravidão e, mais importante, informados pelo fato que pessoas de cor (pardas e pretas) é que eram escravas ou tinham uma ascendência ligada ao cativo (MATHEUS 2016, p. 316).

É provável que a ascensão de Maximiano na hierarquia social bageense tenha se dado, sobretudo, por ser cristão. Ao dedicar-se ao auxílio dos mais necessitados e participar ativamente da vida religiosa na igreja local, este homem foi gradativamente galgando um espaço de legitimidade no contexto social em que viveu. É perceptível que a população bageense admirava a predisposição de Maximiano em bater de porta em porta para arrecadar fundos para enterrar os que eram considerados ‘indigentes’ naquela sociedade.

Contudo, a ascensão social de Maximiano não significou a ausência de estereótipos raciais na construção de sua imagem, principalmente, pelos autores que contaram sua história ao longo do século XX.

A nota sobre a atitude de Maximiano de bater de porta em porta para arrecadar fundos para o enterro de uma mulher foi escrita pelo jornalista local Jorge Reis (1853-1929), redator do jornal *O Cruzeiro do Sul*, periódico que circulou em Bagé durante as décadas 70 e 80 do século XIX. Tal jornal, nas palavras do historiador bageense Tarcísio Taborda, era uma “folha imparcial, consagrada a defesa dos interesses locais”⁶. Além dessa nota, o jornalista Jorge Reis, em seu livro “Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé” de 1911, relata a história de Maximiano novamente, após vinte e três anos do falecimento dele: “um homem útil, coração nobre e generoso: em resumo, um preto de consciência branca, muito considerado por todos” (REIS, 1911, p. 93).

É interessante analisar que na nota sobre Maximiano em 1884, Jorge Reis não utilizou a expressão “preto” para se referir a Maximiano. Contudo, em 1911, no momento em que as teorias raciais estão fervilhando pelo mundo e pelo Brasil, a palavra “preto” foi utilizada para caracterizá-lo. Segundo Silva, isso se dá porque “a ciência sobre as raças da virada do século XIX para o XX buscou, através de características fenotípicas, arranjar lugares sociais para os negros e brancos” (SILVA, 2018, p. 50).

Outro interessante ponto de análise no trecho é “um preto de consciência branca” e, segundo Eufrazia Santos⁷, a tentativa dos brancos em definir a coloração da alma da população negra se dá pois:

⁶ Citação retirada do artigo publicado no jornal *Correio do Sul*, escrito pelo Tarcísio Taborda, em 4 de setembro 1983. Arquivo Museu Dom Diogo de Souza.

⁷ Dissertação intitulada “Preto Velho: as várias faces de um personagem religioso”.

Parece-nos que no sistema de classificação elaborado pela sociedade brasileira em torno da cor da pele das pessoas, o preto velho refere-se enquanto tipo social ao que ficou conhecido na tradição popular como negro preto. Esta categoria refere-se ao homem muito escuro, “negro ébano”. Nas estórias populares os negros muito pretos são encarregados dos maus papéis, traição, rapto, violência e inevitavelmente sobre eles recaem o castigo final. [...] Uma vez estabelecida a associação do preto com o lúgubre, o triste, o funesto, o maldito, nasce a superstição relativa à negritude. [...] A superstição da cor preta é seguida por um forte sentido religioso que funde o negro ao demônio e à maldade, e a cor branca à beleza e à bondade. O oposto do negro preto será idealizado na figura do preto de alma branca agora associado não mais a superstição ou à maldade, e sim aos valores judaico-cristãos (SANTOS, 1999, p. 12).

Na dissertação intitulada “Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pós-abolição: imprensa, carnaval e Clubes Sociais Negros na fronteira sul do Brasil - 1913-1980”, tal expressão se explica, de acordo com historiador Tiago da Rosa Silva:

Cabe lembrar que os primeiros anos da república foram marcados pelo impacto das teorias raciais, aquelas que buscavam comprovar cientificamente a inferioridade cultural de sujeitos negros. No Brasil, tais postulados científicos foram muito bem recebidos e disseminados pelo Estado, intelectuais e pessoas nas suas vidas cotidianas. Com isso, as relações sociais no Pós-abolição foram marcadas por processos de racialização, presentes no âmbito da vida privada de pessoas negras e não negras, mas também nos espaços públicos das ruas das cidades (SILVA, 2018, p. 55).

Em 1951, no livro a “História de Bagé”, o autor Eurico Jacinto Salis, reservou um espaço para contar sobre a história de Maximiano, descrevendo-o como:

O popular Prêto Caxias, sua figura de negro feio era bem simiesca: beiços largos, nariz achatado, olhos pequenos e vivos, orelhas mais dilatadas em sua implantação basilar, estatura mediana, o Prêto Caxias, medido em seu seboso croisé, como diria Darwin, dava a impressão exata do descendente direto do gorila (SALIS, 1951, p. 185).

Deste modo, fica evidente de que em meados do século XX, a figura de Maximiano ainda era construída a partir das teorias raciais do início do século, infelizmente. Houve, portanto, uma perpetuação desses estereótipos na construção da história afro-brasileira bageense, como explica o historiador Thiago Da Rosa Silva:

Na cidade de Bagé, a invisibilidade da história de africanos e seus descendentes é nitidamente observada quando nos propusemos a percorrer a bibliografia sobre a cidade. Quando aparecem, são pintados de forma caricata e muitas vezes com estereótipos de “africanizados”. Tais autores deixaram de lado a contribuição da população negra para a formação histórica de Bagé tanto no século XIX como também no XX (SILVA, 2018, p. 54).

Encontro com a Princesa Isabel

Se faz pertinente comentar sobre o encontro do Maximiano com a Princesa Isabel e o Conde d'Eu durante a passagem destes pela cidade, em 20 de fevereiro de 1885. Em uma nota publicada no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, em 08 de março de 1885⁸, é registrado que durante a visita dos príncipes na recém inaugurada Santa Casa de Caridade de Bagé, foralhes apresentado Maximiano Domingo do Espírito Santo:

Alli foi apresentado a Suas Altezas um preto velho, de cerca de 80 annos de idade, chamado Domingos Maximiano do Espirito-Santo, porém, mais conhecido aqui pelo nome de Caxias, por ter, dizem-me, servido na guerra, onde prestou relevantes serviços acudindo aos enfermos e socorrendo os que mais necessitavão de allivio. Vive este santo homem no hospital de Caridade onde ainda presta serviços embora já alquebrado. E' muito estimado nesta cidade, onde suas ações são conhecidas. Tem passado toda a vida fazendo o bem; sendo elle um dos mais pobres exerce a caridade como ninguem, porque abandonando a sua casa e sem recursos, pedia esmola de porta em porta para socorrer o infeliz que lutava com a enfermidade, levando-lhe os recursos necessarios, até mesmo prestando-lhe o ultimo, que era enterra-lo. E' um typo de bondade muito digno de veneração (*Jornal Do Commércio*, Rio de Janeiro, 08 de mar. de 1885, p. 01).

Da nota do *Jornal do Comércio*, podemos extrair algumas informações interessantes: o processo de ascensão social do Maximiano não teve como consequência uma melhora em suas condições materiais. Ao abandonar sua casa, Maximiano passou a residir na própria Santa Casa e, por último, é revelado seu estado de saúde, já debilitado pela idade avançada. Nesta data, Maximiano já tinha setenta e cinco anos, se considerar seu nascimento em 1810.

Nesta ocasião, teria supostamente ocorrido o aperto de mãos entre Caxias e a princesa Isabel, pois ela o cumprimenta devido aos relevantes serviços prestados à comunidade bageense. Se ocorreu o aperto, há dúvidas se foi a Isabel ou o Conde D'Eu. Entretanto, tal ato não consta na fonte primária analisada. A existência de tal aperto de mãos se difundiu através dos relatos das pessoas que presenciaram o encontro, como poderemos ver mais adiante.

É curioso perceber como as narrativas ao longo do século XX interpretaram esse encontro. Por muitas vezes, o local do encontro foi alterado, de que não teria sido na Santa Casa, mas, na Igreja São Sebastião, no qual o Maximiano teria ido até o encontro dela.

⁸ *Jornal Do Comércio*, Rio de Janeiro (RJ). 08 de março de 1885, edição 00064. Acervo Hemeroteca Digital.

Conforme um artigo publicado no jornal *O correio do Sul*⁹ em 1970, pode-se explicitar estas curiosas narrativas que visam reconstruir tal momento:

Informam que, quando a Princesa Isabel esteve em Bagé [...] resolveu comparecer á Igreja São Sebastião, para assistir a uma cerimônia religiosa. Ao ingressar no recinto a Princesa, o Reverendo Bittencourt apresentou-lhe um negro baixo, curvado pela responsabilidade do grave momento, dizendo: “Este é o Preto Caxias, a alma mais caridosa da região”. A nobre senhora, num gesto dignificante, estende a mão ao preto escravo e, com firmeza, segura aquela mão negra, de um escravo, que jamais tivera a oportunidade de tamanha afeição. Pela primeira vez na história do Brasil, um escravo, de público, há de ter sido solicitado pela magnânima Princesa a dar-lhe a mão! (Jornal *O Correio do Sul*, Bagé, 23 de abril de 1978, p. 04).

O artigo de 1978 é marcado por uma exaltação da benevolência da Princesa Isabel que por ter assinado a Lei Áurea em 1888, ficou conhecida como a ‘Redentora’. Entretanto, vale dizer que ao longo do século XX, houve uma mudança de perspectiva na produção de conhecimento histórico, especialmente, ao analisar a abolição da escravidão no Brasil. Conforme a socióloga Angela Alonso, a abolição não aconteceu somente por fatores econômicos ou por decisão solitária do sistema político (canetada da princesa) mas, também, pelo o ativismo e mobilização de milhares de homens e mulheres (negros e brancos) que lutaram contra a escravidão no país, isto é, dando força ao movimento abolicionista que agiu durante as décadas de 70 e 80 do século XIX. Para Alonso (2015, p.20), é preciso reconhecer a importância do movimento abolicionista e de suas diversas formas de ativismo antes de indicar o protagonismo de apenas um indivíduo histórico como símbolo da abolição da escravatura que, por muito tempo, ficou sob a figura da Princesa Isabel.

Ao fim e ao cabo, existe um lastro histórico definitivo para a romantização do aperto de mãos, mesmo que esse não tenha sido comprovado. Porém, é preciso reconhecer que independentemente de ter ocorrido ou não o aperto de mãos entre eles, somente o fato de ter sido apresentado a ‘herdeira do Império do Brasil’ e ter tido repercussão até mesmo na imprensa do Rio de Janeiro, demonstra a relevância de Maximiano perante a sociedade bageense daquele período.

Em relação aos últimos anos de vida de Maximiano, conjectura-se que os tenha passado em meio a problemas de saúde, devido a sua acentuada idade e, no dia 01 de julho de 1888, faleceu aos setenta e oito anos. Conforme Reis, o “enterro do Maximiano foi um dos

⁹ Jornal *O Correio do Sul*, Bagé (RS), 23 de março de 1978. Nota escrita por Wenceslau Muniz. Acervo Museu Dom Diogo de Souza.

mais concorridos que a cidade tivera e enorme multidão do povo acompanhou o cadáver, seguindo na frente a irmandade do Rosário” (REIS, 1911, p. 94).

A importância de Maximiano para a Santa Casa de Caridade foi explicitada, uma última vez, ao observar o local no qual seu túmulo foi construído no cemitério desta mesma instituição. De acordo com o artigo da historiadora Elaine Bastianello, intitulado “Rechaço e Acolhimento simbólico de etnias socialmente excluídas no espaço funerário”, o seu jazigo dispõe das seguintes características:

O túmulo do Maximiano está localizado na Divisão mais nobre deste cemitério, destacando-se, em uma esquina, no quadrante C da Primeira Divisão, de catalogação nº72 e TP (terreno perpétuo), nº62. e se destaca por ser o único representante afro-brasileiro sepultado neste local (BASTIANELLO, 2011, p. 7).

Divide espaço, na ala mais nobre deste cemitério, com o túmulo do General Antônio de Souza Neto, “*herói*” da Revolução Farroupilha (1835-45) e demais representantes da elite bageense de outrora.

A autora, por último, sugere que o motivo da escolha do local do túmulo de Maximiano se deve ao reconhecimento dos valores cristãos por ele praticados e, também, é uma mensagem à sociedade bageense oitocentista, diz ela:

Talvez, reconhecer-se socialmente um indivíduo provindo da categoria dos escravos fosse a forma mais intensa de enaltecimento do valor da caridade. Homenageá-lo é uma ação modelar. Reconhecer seu mérito é mostrar para toda a sociedade que a maior virtude estaria no altruísmo. É um testemunho do alto grau de impregnação social dos valores da Igreja Católica sobre a sociedade da época (BASTIANELLO, 2012, p. 185).

Em decorrência de tamanha valorização dos atos em vida praticados por Maximiano, seu túmulo tornou-se local de culto e peregrinação de devotos que atribuem à ele a capacidade de realizar milagres, ou seja, percorreu ele em Bagé, para além do caminho geográfico, de casa em casa, em busca de esmolas para auxiliar aos necessitados, também um caminho espiritual para aquele povo, um caminho que o levou de soldado a santo.

O milagreiro ‘Mão Preta’

A mensagem escrita na lápide não deixa esquecer quem foi Maximiano Domingos do Espírito Santo, mesmo após cento e trinta e dois anos passados de sua morte: “Humanitário

Preto Caxias, passou pela vida servindo e chorando as desgraças alheias.¹⁰ Seu túmulo, ao longo das décadas¹¹, se tornou local de peregrinação por devotos que acreditam no poder dele como milagreiro, tornando-o um santo popular, ou seja, é rico em memória e participação popular. Para Santos “as santificações populares se baseiam na vida do santo, sua existência/incidência neste mundo e os reflexos deixados na realidade para além morte.” (SANTOS, 1999, p. 24). Isto é, o protagonismo de Maximiano na caridade durante a sua vida, fez com que as pessoas o identificassem como santo após sua morte. A constante visitação ao seu túmulo e a manutenção a sua memória se explicam, de acordo com Santos:

Dessa forma, o povo reconhece seus santos populares vendo, em suas histórias, elementos tais como virtudes, sofrimentos e purificações, de modo que possam associá-los à função de proteção, própria dos santos. Para o povo, a garantia da sua devoção é a proteção do santo (SANTOS, 1999, p. 25).

A proteção do santo é representada pelas dezenas de placas de agradecimento (fotografia 3) e coroas de flores enfeitando o local, demonstrando a presença contínua de pessoas que mantém sua memória viva. De acordo com Santos, as placas fazem parte da relação fiel do devoto com o santo popular:

Na relação entre fiel e santo popular, cabe ao devoto expressar sua devoção, a seu modo, de forma que não haja mediação institucional entre eles. Ao devoto cumpre agradecer pela proteção e graças recebidas. Daí o cuidado ao realizar o pagamento de promessas, ofertas, orações, romarias, homenagens e festejos em geral (SANTOS, 1999, p. 25).

Fotografia 3 - Placas de agradecimento por graças alcançadas.

¹⁰ Epitáfio sob a lápide na sepultura do Maximiano.

¹¹ Ainda não se tem conhecimento sobre o início do culto ao Maximiano.



Fonte: Vanessa Bernardes (2019).

Logo acima de sua lápide, existe a representação de duas mãos entrelaçadas em cumprimento, uma negra e uma branca (fotografia 4). Acredita-se que seja dessa escultura que a alcunha “Mão Preta” começou a ser usada para se referir a Maximiano. Provavelmente, o intuito dessa representação seja eternizar o encontro com a Princesa Isabel.

Fotografia 4 - Escultura do túmulo do Maximiano.¹²

¹² Escultura em gesso, representando o encontro com a Princesa Isabel e o Conde D’eu em 1885. Percebe-se que a mão branca está com um certo desgaste devido ao toque frequente dos devotos.



Fonte: Vanessa Bernardes (2019).

Ao visitar o túmulo no dia 02 de novembro de 2019, foi interessante observar que na parte de trás do túmulo, havia velas brancas e vermelhas e três garrafas de cachaça (fotografia 5). É um indício que o culto a Maximiano englobe diversas matrizes religiosas, dependendo da forma como a história dele é interpretada e ressignificada.

Fotografia 5 - Velas e garrafas de cachaça atrás do túmulo do Maximiano



Fonte: Vanessa Bernardes (2019).

Em 1970, no jornal *Folha da Tarde*¹³, foi publicado um artigo escrito por Danilo Ucha intitulado “Negro velho não é santo mas túmulo tem romaria”, no qual alguns trechos podem

¹³ Jornal *Folha da Tarde*, Bagé, 14 de março de 1970, texto escrito por Danilo Ucha. Acervo Dom Diogo de Souza.

ser analisados para demonstrar a discussão à respeito do culto ao Maximiano, como por exemplo:

Pode não ser santo conforme a lei canônica, mas Maximiliano Domingos do Espírito Santo está em muitos altares de umbanda de Bagé, ao lado de Oxóssi, Iemanjá, Cosme e Damião, São Sebastião. No cemitério, a placa avisa que é proibido acender velas. Mas, o túmulo, na primeira transversal à esquerda de quem entra, terceiro ou quarto, está coberto de flôres sempre renovadas. Pequenas placas de mármore em todos os espaços. Em cada uma, um agradecimento e um nome. Singelas, simples, objetivas. Por uma graça alcançada. Pela salvação de Luis, pelo casamento de Maria. Ao Prêto Caxias pelo atendimento do meu pedido (Jornal *Folha da Tarde*, Bagé, 14 de março de 1970, p. 5).

O autor afirma a existência do culto ao Maximiano em terreiros de umbanda bageenses, ou seja, uma religião brasileira formada por um hibridismo religioso - aspectos católicos, espíritas e rituais de matriz afro-brasileira (PEREIRA, 2016, p. 131) e que trabalha com a figura dos ‘pretos velhos’. Segundo Santos, “na cosmologia umbandista, os pretos velhos representam os espíritos dos velhos africanos e dos ex-escravos que trabalharam e viveram no Brasil, constituem uma das categorias espirituais do seu panteão, com perfil e caracteres bem definidos.” (SANTOS, 1999, p. 36)

Na Umbanda, a figura do Preto Velho é atribuída a característica de humildade, sabedoria, caridade e bondade (SANTOS, 1999, p. 37). Sabendo que o Maximiano é considerado uma pessoa bondosa devido ao seu protagonismo através da caridade, por conseguinte, a existência do culto dele em terreiros de Umbanda é plausível, ainda mais se considerar as oferendas deixadas atrás do túmulo dele.

Considerações finais

Este artigo demonstrou o protagonismo de um homem negro que viveu em uma sociedade marcadamente dividida pela diferença étnica-racial. A história de um homem que ascendeu socialmente devido à sua predisposição em ajudar os grupos desprivilegiados na sociedade bageense do século XIX e que, mesmo após um século do seu falecimento, suas ações humanitárias reverberam até os dias de hoje, sendo considerado um milagreiro e atraindo centenas de pessoas anualmente ao seu túmulo.

Reunir as fontes históricas e escrever uma narrativa sobre a vida de Maximiano surgiu do entendimento de que sua história e a dos demais personagens históricos afro-brasileiros bageenses devem ser valorizados, para além de perspectivas caricatas, mitificadas ou racializadas. Sobretudo, elucidar a contribuição da população negra além de representações como massa inerte e sem participação efetiva no processo histórico da cidade. Como se pôde

observar ao longo da pesquisa, o Maximiano contribuiu no processo de formação de Bagé, principalmente, como enfermeiro no Hospital da Santa Casa, diminuindo dores físicas, como também, na hora da morte das pessoas, ao pedir esmolas para dar um sepultamento digno aos indivíduos relegados naquele contexto social.

Baseando-se pela perspectiva microanalítica do uso das fontes, foi possível entender como as dinâmicas sociais e culturais do ambiente estudado interferiram na vida de Maximiano e também como, tais dinâmicas tiveram impacto através de suas ações humanitárias. A partir disso, percebeu-se que Maximiano era tido como referência pela população negra da época, seja entre os que estavam em situação de escravidão, seja entre os libertos. Pôde-se, também, compreender sua relação com a Igreja Católica e as diversas profissões exercidas ao longo da vida e, sobretudo, como sua história foi contada e ressignificada ao longo do século XX nos documentos escritos, como jornais e livros.

Para concluir, cabe dizer que durante o processo de pesquisa, a dificuldade se deu porque poucas fontes históricas primárias foram encontradas. Por essa razão, deparei-me com a impossibilidade de compreender melhor a sua história se não pesquisar, também, a documentação oral dos bageenses. Portanto, a pesquisa sobre o Maximiano não se esgotou. Como visto ao longo deste artigo, ele era um homem múltiplo e que permanece vivo no imaginário bageense, ainda que mitificado. Por tal modo, ainda se faz necessário compreender os aspectos religiosos que cercam o culto ao ‘Mão Preta’, através das diversas narrativas dos devotos que transformaram seu túmulo em altar.

Referências Bibliográficas

- ALONSO, Angela. **Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de Finados**. 2009, 127 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.
- BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Espaço funerário, etnias e valores religiosos no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, RS: histórias de rechaço e acolhimento, um judeu e um negro. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Rio Grande: FURG. v. 4, nº 8, dezembro, p. 172-191, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. Precariedade estrutural: o problema da liberdade no Brasil escravista (século XIX). **Revista História Social**. Campinas: UNICAMP/IFCH. nº 19, junho, p. 33-62, 2011.
- GANDIA, Leonardo dos Reis. **A política ao fio da espada: Caxias e a consolidação dos interesses brasileiros no Rio da Prata (1842 - 1852)**. 2015, 196 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2015.

HAMEISTER, Martha Daisson. O uso dos registros batismais para o estudo de hierarquias sociais no período de vigência de escravidão. In: 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônico...** Porto Alegre: Oikos, 2011. Disponível em:

<http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/images/Textos5/hameister%20martha%20daisson.pdf>. Acessado em: 17/10/2019.

LEMIESZEK, Cláudio de Leão; GARCIA, Elida Hernandes. **Primazias de Bagé**: Um guia incompleto. Bagé: Urcamp, 2013. p. 158.

LEVI, Giovanni. O trabalho do historiador: pesquisar; resumir; comunicar. **Revista Tempo**, v. 20, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tem/v20/pt_1413-7704-tem-20-20143606. Acessado em: 17/10/2019.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade de Federal Paulista, 1992. p. 136-163.

MATHEUS, Marcelo Santos. **A produção da diferença**: escravidão e desigualdade social ao sul do império brasileiro (Bagé, c. 1820 – 1870). 2016, 422 p. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2016.

PEREIRA, Rogério Amaral. **O portal do guerreiro**: as espacialidades da umbanda na cidade de Rio Grande/RS. 2016, 105 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

REIS, Jorge. **Apontamentos Históricos e estatísticos de Bagé**. Bagé: Tipografia Jornal do Povo, 1911.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. **Revista Tempo**. Niterói: UFF, vol. 2, nº. 3, p. 7-33, 1996.

SALIS, Eurico Jacinto. **História de Bagé**. Ama a sua terra quem bem a conhece. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1955.

SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes. **Preto velho**: as várias faces de um personagem religioso. 1999, 140 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 1999.

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no Pós-abolição**: imprensa, carnaval e Clubes Sociais Negros na fronteira sul do Brasil - 1913-1980. 2018, 180 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, 2018.